

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IR AO CINEMA EM 1974
1 e 5 de abril de 2024

FEMMES, FEMMES / 1974

Um filme de Paul Vecchiali

Realização: Paul Vecchiali / Argumento: Paul Vecchiali e Noel Simsolo / Direcção de Fotografia: Georges Strouvé / Música: Roland Vincent / Som: Antoine Bonfanti / Montagem: Paul Vecchiali / Interpretação: Hélène Surgère (Hélène), Sonia Saviange (Sonia), Michel Duchaussoy (Lucien), Michel Delahaye (o médico), Huguette Forge (a cliente), Noel Simsolo (Ferdinand), Jean-Claude Guiguet, Liza Braconnier, Henry Courseaux, Dominique Erlanger, Marcel Gassouk, Charles Level, Jean Pommier, Claire Versane.

Produção: Diagonale / Produtor: Paul Vecchiali / Cópia digital, preto e branco, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 116 minutos / Inédito comercialmente em Portugal – exibido na Cinemateca em 1985.

“On ne rit jamais assez, on ne boit jamais trop”

Será uma nota marginal – e bastante “local” – ao filme que vamos ver, mas é interessante constatar que se Paul Vecchiali (1930-2023) é hoje um realizador quase totalmente fora da vista do comum espectador português, nem sempre foi assim: de **Les Ruses Du Diable** (1966) até **Corps à Coeur** (1979), praticamente todas as suas longas-metragens foram estreadas em Portugal. Do que fez a seguir a 1980 (que foi bastante, e continuou a filmar até ao ano da sua morte) nada chegou ao circuito comercial português, limitando-se à passagem dalguns filmes em “sessões especiais” - lembramos numa exibição dum filme extraordinário, **Encore (once more)**, salvo erro no Nimas, em meados dos anos 90. Mas entre os anos 60 e 70 foram 4 em 6, e só não chegaram cá, das longas de Vecchiali durante esse período, **La Machine** e este **Femmes, Femmes**.

Sem querer apressar aqui uma história da distribuição de cinema em Portugal, talvez se tenha ficado a dever ao facto de estes dois títulos terem sido rodados em condições de produção bastante frágeis (e para **Femmes, Femmes** o “budget” veio dum patrocínio dum marca de champanhe, porventura porque “on ne boit jamais trop”), mesmo para os “standards” da Diagonale, a produtora de Vecchiali que durante os anos 70 albergou um clã muito particular onde se incluíam, entre outros, Jean-Claude Biette, Jean-Claude Guiguet e Marie-Claude Treilhou. Vecchiali disse que **Femmes, Femmes** fora rodado por um “realizador no desemprego”, com “duas actrizes no desemprego”, e uma vez o filme pronto estava firmemente convencido de que ele não teria “vida” nenhuma,

demasiado artesanal para os circuitos da distribuição e demasiado fora de moda para penetrar com sucesso no circuito dos festivais. Não seria uma previsão irrealista, mas o destino interveio. Da forma que o próprio Vecchiali contou, posteriormente, em depoimento aos *Cahiers du Cinéma*: “Até que Jean-Claude Biette veio ver o filme, ficou delirante, e convidou Laura Betti, que se encontrava de passagem por Paris, para vir ver uma segunda projecção. Ela ficou louca, queria comprar o filme para Itália e fazer ela própria a dobragem das vozes. Telefonou a Giacomo Gambetti, então o director do festival de Veneza, para o convencer de que tinha absolutamente que programar o filme. E quando subimos ao palco depois da projecção do filme em Veneza apareceu também Pasolini, que pegou no microfone para dizer: ‘É-me difícil falar porque estou muito emocionado. Acabei de ver o maior filme do mundo’. Para mim aquilo era uma piada, pensei que ele estava a gozar comigo. E depois, acrescentou: ‘vou ser mais moderado; é tão belo como um Dreyer ou um Murnau’...” Acresce dizer que não se tratava, de facto, de um “número”, e que Pasolini foi mesmo um grande admirador do filme – escreveu sobre ele, e nele terá colhido inspiração para algumas cenas de **Saló**, que então preparava.

Ajuda a ver **Femmes, Femmes** o saber-se que Paul Vecchiali nutre um interesse especial pelo espectáculo popular francês (o cinema mas também o teatro e o music hall) dos anos de antes da II Guerra, particularmente a década de 30. Tanto assim que publicou um “dicionário” do cinema francês desde as origens até 1939, com enfoque em todos os cineastas verdadeiramente populares e nunca legitimados pela crítica contemporânea ou posterior (Yves Mirande, Autant-Lara, etc). Ajuda a ver, dizíamos, porque o espectro, ou os espectros, dessa tradição popular estão completamente presentes em **Femmes, Femmes** – todos aqueles rostos de actrizes de antanho nas fotografias penduradas na parede, que se vão transformando em “inserts”, em “grandes planos”, como se fossem um testemunho, ou melhor ainda, uma espécie de “memento mori”. Que em todo o caso não se limita a apenas a isso, a serem um sinal ou um símbolo: são também o elemento activo que, por via da montagem, vem irmanar as actrizes protagonistas (“femmes, femmes” porque as actrizes, como explica a epígrafe colhida em Camus, são mulheres que se multiplicam) e fazê-las participar num destino tragicómico (mais trágica uma, mais cómica outra, tal como Saviange é mais “sombra” e Surgère é mais “luz”) rumo, obviamente, ao esquecimento – que não menos obviamente, já chegou, ou não fosse isto um musical (ou um music-hall) caseiro e confinado ao espaço de um apartamento. Um filme sobre um “além”, portanto, em todos os sentidos da palavra. E, de certa maneira, com qualquer coisa de “requiem” – bastante sofisticado, bastante “reflexivo”, como se vê pelo uso magistral do plano-sequência (também era uma figura essencial em **Encore**: Vecchiali é um dos grandes praticantes do plano-sequência) – pelo próprio cinema popular francês de outras épocas. Bastam os minutos iniciais, a entoação das actrizes, verdadeiramente “démodé” (aquela mistura convencional de “teatro” e “naturalismo” que se encontra, por exemplo, na oralidade de alguns Guitrys – Vecchiali odeia Guitry, mas bom, o exemplo serve na mesma), ou certos planos, como aquele da janela, com a luz de Paris a emoldurar o par de protagonistas, para se compreender que **Femmes, Femmes** é – arrisquemos agora o “jogo das categorias” – um ensaio para um regresso “pós-nouvelle vague” ao cinema popular francês dos anos 30. E que está muito bem assim mesmo.

Luís Miguel Oliveira